

# Índice

- 7 Ciências da comunicação, média e indisciplina  
*Maria da Luz Correia*
- Parte 1.
- Na senda de Mário Mesquita.  
Da história da imprensa açoriana à crise do jornalismo.**
- 23 Poder dos média e democracia  
*Paulo Serra*
- 43 Da crónica (aventuras e extravios de um género jornalístico)  
*Paulo Meneses*
- 63 Mário Mesquita, um Homem de Cultura  
*Ana Cristina Correia Gil*
- 71 O perfil da imprensa dos Açores no século XIX  
*Susana Serpa Silva*
- 89 A imprensa católica açoriana nas primeiras três décadas do século XX  
*José Paulo Machado*
- Parte 2.
- Écrãs, redes e mediações.  
Reflexões críticas sobre os média e a cultura digital.**
- 101 Notas sobre a transição digital  
*Maria Teresa Cruz*
- 117 A civilização da Imagem e o imaginário melancólico da nossa época  
*Moisés de Lemos Martins*
- 139 Para uma teoria comunicacional da mediação  
*Samuel Mateus*
- 159 Retórica, lógica informal e o estudo da argumentação  
*Rui Sampaio da Silva*

Parte 3.

**Releituras**

- 179 A cidade: sugestões para a investigação do  
comportamento humano em ambiente urbano  
*Robert E. Park*
- 225 Teorias e práticas do jornalismo: do telégrafo ao hipertexto  
*Mário Mesquita*
- 253 Notas biográficas das editoras e autores

# Ciências da comunicação, mídia e indisciplina

MARIA DA LUZ CORREIA

O presente livro teve origem num encontro de ciências da comunicação na Universidade dos Açores, a primeira edição do CICOM, em novembro de 2022, que pretendeu assinalar os 20 anos desta área científica nesta instituição de Ensino Superior fundada em 1976, que se caracteriza pela sua natureza arquipelágica e pelo carácter ultraperiférico da região em que se insere. Mas a história das ciências da comunicação, ao longo destes 20 anos na Universidade dos Açores, se foi condicionada pelo complexo entorno geográfico, social e económico que é o açoriano (Correia & Sampaio, 2023), também muito foi marcada pela juventude de uma área científica que, tendo pouco mais de um século, apenas no final dos anos 70 abre os seus primeiros ciclos de estudos no Ensino Superior em Portugal e só nos anos 90 obtém, no contexto nacional, o seu primeiro doutorado (Serra, 2007, p. 15).

O professor, investigador, jornalista e político açoriano Mário Mesquita, cujo legado para esta disciplina e em particular “no plano dos estudos dos média e do jornalismo está ainda por avaliar na sua plenitude” (Riley et al., 2021, p.13), tinha aceite intervir no encontro de dois dias a que nos reportamos, mas a sua morte prematura, em abril de 2022, impediu que tal acontecesse. Assim, o referido congresso, que contou com a representação institucional da *SOPCOM – Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação* e com investigadores e docentes das ciências da comunicação de várias universidades portuguesas – Universidade da Beira Interior, Universidade de Coimbra, Universidade da Madeira, Universidade do Minho, Universidade Nova de Lisboa – converteu-se também num debate

de homenagem ao autor de *O Quarto Equívoco – O poder dos media na sociedade contemporânea*.

Uma reflexão histórica e um esforço de repensar o estatuto epistemológico das ciências da comunicação enquanto área disciplinar ocupou este encontro de investigadores dos média, que envolveu ainda académicos de áreas afins como a sociologia, a linguística, a literatura, a cultura, a filosofia, a história ou ainda a gestão e o marketing, cujo contributo para a área na Universidade dos Açores, tem sido, por diferentes motivos, assinalável. Com efeito podemos dizer que neste âmbito, a Universidade dos Açores não é exceção já que, como tendem a sublinhar unanimemente aqueles que se debruçam sobre a história deste campo disciplinar (Craig, 1999; Pooley, 2016; Waisbord, 2019), as ciências da comunicação têm a sua origem na interdisciplinaridade ou dito de outro modo, retomando o termo que dá o mote ao presente volume, têm a sua origem na “indisciplina”. Com efeito, se no encontro a que nos referimos o termo “indisciplina” foi convocado num dos debates foi precisamente a propósito de uma espécie de tensão entre, por um lado, o entusiasmo diante da libertação do espartilho das teorias e metodologias disciplinares e da entrega a linhas de investigação “criativas e críticas” e por outro lado, a apreensão perante a frágil consolidação, a débil legitimação institucional e a precária autonomia epistemológica e os obstáculos de que daí advêm, como por exemplo aqueles que se prendem com o financiamento científico.

Em todo o caso, e voltando à fundação das ciências da comunicação, se Jefferson Pooley (2016) faz notar que “a teoria da comunicação era já na infância da disciplina um tema indisciplinado”, Silvio Waisbord num ainda mais recente volume com o sugestivo título *Communication A Post-Discipline*, relembra que a comunicação já era caótica antes do “caos das disciplinas (Abbott, 2010) se ter tornado uma característica distintiva do conhecimento académico contemporâneo” (Waisbord, 2019, p. 60). O autor argentino radicado nos EUA explicita ainda (Waisbord, 2019, p. 48):

A comunicação era multidisciplinar ainda antes da multi e interdisciplinaridade se tornarem tendências importantes na academia. Os estudos de comunicação nasceram no cruzamento de várias disciplinas e domínios, incluindo a retórica/discurso, o jornalismo, a psicologia, a sociologia, as artes, os média impressos e audiovisuais, a língua e a literatura, o teatro e a ciência (Chaffee

and Rogers 1997; Craig 1999; Dennis and Wartella 1996; Gehrke and Keith 2014; Jensen and Neuman 2013; Park and Pooley 2008; Rogers 1994).

Interdisciplinar, multidisciplinar, transdisciplinar, pós-disciplinar, anti-disciplinar ou simplesmente indisciplinar, são várias as terminologias recorrentemente associadas à comunicação, para fazer referência a uma característica que, sendo-lhe congênita, e sendo, de resto, transversal ao conhecimento científico contemporâneo, é hoje agravada por diferentes motivos. Historicamente espartilhado em debates que ora reivindicam a sua inscrição nas humanidades ora reclamam a sua pertença às ciências sociais (De la Peza Casares, 2013; Pooley, 2016; Sharp & Thomas, 2019), desdobrado ainda no dito paradigma dominante do funcionalismo e dos *mass media* e no designado paradigma alternativo da teoria crítica (Mcquail, 2003), o campo da comunicação é hoje descrito recorrentemente através das ideias da hiper-fragmentação e da hiper-especialização (Waisbord, 2019; Pooley, 2016; De la Peza Casares, 2013) e as figuras do arquipélago, da constelação, do mosaico e do *patchwork* são atualmente aquelas que melhor retratam o campo e que fazem qualquer tentativa de unificação e de organização do domínio científico – à semelhança daquela empreendida por Robert Craig (1999) no final do séc. XX – parecer vã. Para Silvio Waisbord, esta dispersão da comunicação, além de poder ser explicada pela genealogia do campo disciplinar e pela persistente heterogeneidade de definições da comunicação, seria exacerbada por dois factores: “pela viragem digital [*digital turn*] na academia assim como pela globalização da investigação académica sob uma forte influência ocidental” (Waisbord, 2019, p. 27). Voltaremos ainda a estes dois fatores, ainda que em momentos diferentes.

Adicionalmente, o campo da comunicação, das ciências da comunicação, dos estudos da comunicação, das teorias da comunicação, ou dos estudos dos média, para mencionar apenas algumas das inúmeras designações associadas à mesma disciplina, vê hoje as suas fronteiras instabilizadas pela emergência de um conjunto de domínios pós-disciplinares contíguos. Jefferson Pooley, considerando que a comunicação tem uma natureza “expansiva”, reporta-se aos infindáveis domínios pós-disciplinares “parentes” da comunicação emergidos nos últimos 50 anos: os *film studies*, os *cultural studies*, os estudos visuais, os *game studies*, os estudos de música popular, as ciências da informação, os estudos de género, os estudos étnicos

ou os estudos LGBTQ são apenas alguns. Moisés de Lemos Martins, autor de um dos ensaios do presente volume, no livro *Crise no Castelo da Cultura: das estrelas para os écrãs*, não apenas defende uma espécie de parentesco congénito entre as ciências da comunicação e os *cultural studies* implantados nos anos 60 como sustenta que as ciências da comunicação estariam “associadas aos novos territórios de investigação nas Ciências Sociais e Humanas”, como por exemplo os estudos de género, os estudos das subculturas juvenis, os estudos pós-coloniais ou ainda os estudos dos média digitais (Martins, 2011, p. 42). A propósito desta natureza expansiva das ciências da comunicação, a comparação de John Durham Peters é, no mínimo, sugestiva: “o campo da comunicação mantém-se “semelhante a Taiwan”, na clássica formulação de John Durham Peters (1986): uma pequena ilha reclamando um vasto território (Pooley, 2016, p. 543)”.

Debrucemo-nos então sobre noção de “indisciplina”. W. J. T. Mitchell (1995, p. 541), a propósito dos estudos de cultura visual, definia assim esta noção: “o momento de caos ou de espanto em que uma disciplina, uma forma de fazer as coisas realiza compulsivamente a revelação da sua própria inadequação”. Noutras palavras ainda, a indisciplina seria “um momento de turbulência nas fronteiras internas ou externas de disciplinas estabelecidas” (Mitchell, 1995, p.542). Explicitando que uma disciplina consistiria numa “forma de assegurar a continuidade de um conjunto de práticas coletivas (técnicas, sociais, profissionais, etc)”, o pensador norte-americano associava então a indisciplina a um momento de “ruptura”, “disrupção”, em que se questionariam essas práticas. Com efeito, Michel Foucault no ensaio *L'ordre du Discours* definia a disciplina como “um principio de controlo da produção do discurso” que lhe impõe “limites através do jogo de uma identidade que tem a forma de uma reatualização permanente de regras” (Foucault, 1971, p.16). Na aceção foucaultiana, se a disciplina é o “sistema anónimo” que estabelece exigentes requisitos para “a construção de novos enunciados” (Foucault, 1971, p.14) a indisciplina seria um modo de nos subtrairmos ao policiamento do discurso e aos seus pesados constrangimentos. Como o faz ver Jacques Rancière (2006, p.9), o pensamento indisciplinar, na filosofia foucaultiana, é então aquele que, convocando um contexto de guerra, “o rumor distante da batalha”, “*ignora* as fronteiras disciplinares por forma a restaurar o seu estatuto de armas numa disputa” (itálico nosso). Aliás, o pensamento indisciplinar – conforme mais explicita

ou mais implicitamente defendem Mitchell (1995) e Rancière (2006) – tem a particularidade de assumir positivamente a ignorância; ela é uma espécie de força motriz que rompe as fronteiras. A indisciplina, por sabotar esse “jogo estreito” que é a disciplina como a classificava Foucault (1971, p.13), tem por isso também uma dimensão política, conforme lembrava também Jonathan Crary numa recente entrevista realizada por Afonso Dias Ramos:

Toda a minha vida acadêmica tem sido uma resistência a algumas das fronteiras entre as disciplinas. Todos os livros que já escrevi foram, num certo sentido, transdisciplinares. Aquilo que está em causa é uma rejeição da especialização. Isso é crucial para mim. O escritor John Berger disse uma vez que o pensamento político é aquele que recusa as disciplinas especializadas do conhecimento. Encontramos a mesma ideia antes disso, no trabalho de Gyorgy Lukács, na sua discussão sobre a compartimentalização dos campos de conhecimento em *História e Consciência de Classe*. Lukács afirma que a realidade subjacente do mundo está além do alcance de quem se encontra numa disciplina especializada. (Ramos, 2023, p.192)

Mas o que é torna as ciências da comunicação particularmente indisciplinadas? poderíamos perguntar. Como o título do presente volume deixa antever, responderíamos, aludindo ao seu objeto de estudo: os média. Com efeito, atualmente, os média agem como uma espécie de paradoxo no campo das ciências da comunicação na medida em que podem ser comparados a uma força gravitacional, ora centrípeta, ora centrífuga, que pressiona as fronteiras internas e externas da disciplina, instabilizando-as, mas sempre em direção a si mesmos. Esta espécie de contradição é bem ilustrada por Silvio Waisbord, aqui já citado, que ao mesmo tempo que recusa às ciências da comunicação qualquer “centro teórico, ontológico, epistemológico ou temático”, convoca precisamente a “digitalização” e a noção de “mediação de tudo” proposta por Sonia Livingstone para admitir que é atualmente quase impossível reportar-nos a processos comunicativos sem dar centralidade às “questões sobre a técnica e sobre os média” (Waisbord, 2019, p.189). Maria Teresa Cruz, no presente volume, alude também a esta centralidade dos média quando afirma que “as ciências da comunicação constituíram o espaço interdisciplinar mais relevante para a introdução do problema da técnica no âmbito das humanidades e das artes”, tendo há muito produzido “a evidência de que ‘pensamos

com e através dos média' como diz, na sua eloquente simplicidade, uma frase de Hayles (2012, p.1)".

Evidentemente, está aqui em causa uma conceção abrangente de média, que não se restringe de todo aos tradicionais média de massas, e que se alinha pela aceção que Friedrich Kittler detalha, como muito oportunamente cita Paulo Serra no primeiro ensaio do presente volume: "os média gravam, transmitem e processam informação. Esta é a definição mais elementar de média. Os média podem incluir coisas antiquadas como livros, coisas familiares como a cidade e invenções mais recentes como o computador" (Kittler, 1996, p.722). Dito isto, e procurando subtrair-nos à "tentação do "determinismo tecnológico" (Mesquita, 2004, p.28), entendemos os média como "estruturas de comunicação socialmente realizadas", que incluem as "formas tecnológicas", mas também os "protocolos sociais" e as "práticas culturais", conforme a proposta de Lisa Gitelman (2006, p.7). Esta é uma noção de média que tem sido defendida por um movimento como a arqueologia dos média que, inspirada no legado de pensadores como Walter Benjamin, Aby Warburg, Siegfried Giedon ou Marshall McLuhan, e a partir da nossa atualidade hipermediada, não só procuram estudar propriedades materiais, práticas culturais e condições socio-económicas dos média como observam as linhas de confluência e de rutura que instabilizam as fronteiras entre os média da revolução industrial como o telégrafo, o telefone, o automóvel, a luz elétrica e o jornal – para enumerar alguns média convocados por Robert E. Park no ensaio "A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano em ambiente urbano" publicado pela primeira vez em 1915 e retomado neste livro coletivo – e os média digitais como o "hipertexto" e os "weblogues" – para referir dois dos média evocados por Mário Mesquita no artigo "Teorias e práticas do jornalismo: do telégrafo ao hipertexto" editado pela primeira vez em 2004 e igualmente reproduzido no presente volume.

Discutidas algumas noções fundamentais para o presente volume, parece-nos oportuno, em guisa de conclusão, lembrar a metáfora do peixe e da água tantas vezes convocada por Marshall McLuhan a propósito da nossa relação com os média: "uma coisa da qual os peixes não sabem nada é da água uma vez que eles não dispõem de qualquer contra-ambiente para perceberem o elemento no qual vivem" (McLuhan, 1968, p.175). Retomando esta metáfora, e propondo um entendimento positivo da pressão indisciplinar que as mediações, enquanto realidades tecnológicas e culturais disruptivas, exercem sobre

o campo das ciências da comunicação, compararíamos a indisciplina a esse “contra-ambiente” que permitiria ao peixe conhecer a água e que permitirá aos estudos dos média reavaliar o seu campo, reinventando, nos seus interstícios, “uma agenda epistêmica, metodológica, crítica e política geral” para usar a expressão de Maria Teresa Cruz no seu ensaio sobre a transição digital. Esta reavaliação do campo passa, sem dúvida, e desde logo, por uma epistemologia crítica, de que é exemplo o já convocado trabalho de Silvio Waisbord (2019) sobre as assimetrias geográficas resultantes da “globalização acadêmica” das ciências da comunicação, mas também outros contributos como aqueles que recentemente se debruçam sobre as assimetrias de género na disciplina (García-Jimenez, 2021). Por fim, como teremos oportunidade de constatar no presente volume, o pensamento indisciplinar em torno dos média assume-se também, e em última instância, como um pensamento político capaz de questionar os impactos sociais, culturais e ambientais que a mediação tecnológica tem na experiência contemporânea.

Este livro encontra-se organizado em três partes. A primeira e a segunda partes são compostas por contributos inéditos, sendo a primeira dedicada à obra de Mário Mesquita e a temas que o interessaram, fossem eles o jornalismo e a sua crise, os géneros jornalísticos e a história da imprensa açoriana; a segunda parte agrupa reflexões teóricas que nos permitem rever o contributo das ciências da comunicação para pensar os média e a mediação da experiência humana como fenómeno tecnológico e cultural complexo que importa estudar de forma crítica. A terceira parte que denominamos “Releituras” contém dois ensaios que, pela sua importância para a área das ciências da comunicação e dos estudos dos média, retomamos neste volume. Tratam-se, como já referido, de “A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano em ambiente urbano” de Robert E. Park, publicado originalmente em 1915, e traduzido aqui por nós, e “Teorias e práticas do jornalismo: do telégrafo ao hipertexto” de Mário Mesquita, um texto que corresponde à lição inaugural dos cursos de licenciatura em Comunicação Social e Cultura e de pós-graduação e mestrado em Cultura e Comunicação na Universidade dos Açores em 2004.

O texto de Robert E. Park “The City Suggestions for the investigation of human behaviour in the urban environment” foi publicado pela primeira vez em março de 1915 na revista científica fundada pela escola sociológica de Chicago, *The American Journal of Sociology* (Park, 1915). Uma segunda

versão deste texto, com vários ajustes, integraria o livro coletivo *The City* editado por Park juntamente com Ernest W. Burgess e Roderick McKenzie em 1925 (Park, 1967/1925). É esta segunda versão do ensaio de Park que escolhemos traduzir aqui: com efeito, vertida para português do Brasil em 1967 por Sérgio Magalhães Santeiro numa edição da Jorge Zahar editora (Park, 1967), desde aí não conheceu outra tradução. Porquê, para refletir sobre as ciências da comunicação e particularmente sobre os média e a noção de indisciplina, quisemos regressar a um texto deste sociólogo norte-americano, publicado pela primeira vez em 1915 e dedicado à cidade? Com efeito, em primeiro lugar, este texto de Robert Park, escrito várias décadas antes das ciências da comunicação se estabelecerem como disciplina autónoma, tratando-se ainda hoje de uma referência assiduamente convocada em manuais e programas da disciplina de teorias de comunicação de ciclos de estudos desta área científica (França & Simões, 2016), tem a vantagem de ir ao encontro da noção de média que nos interessa neste volume, um entendimento que não os restringe ao jornalismo e que os entende como dispositivos tecnológicos, culturais e sociais de comunicação.

Partindo do pressuposto assinalado por Mário Mesquita segundo o qual “o jornal de informação se desenvolve em estreita ligação com o crescimento das cidades, revelando uma natureza de produto intelectual e comercial, de divulgador de conhecimento e de empresa comercial” (Mesquita, 2004, p.11), Park, que antes de ser sociólogo foi jornalista, apresenta-nos neste texto a visionária noção de “mobilidade” que faz corresponder aos média e aos “fatores primários na organização ecológica da cidade”. Entendendo a mobilidade como um processo físico, psíquico e tecnológico, Park defende que “a mobilidade num indivíduo ou numa população mede-se, não apenas pela mudança de local, mas sim pelo número e pela variedade dos estímulos aos quais o indivíduo ou a população responde” (Park, 1967/1925, pp.17-18) e integra nessa noção quer os meios de comunicação como o jornal, o telégrafo, o telefone, e a rádio, quer os meios de transporte, como o elétrico, o automóvel, ou o elevador, quer ainda outros dispositivos como o dinheiro. No que a isto diz respeito, Park adiantou-se mais de meio século a Marshall McLuhan.

Em segundo lugar, além deste sugestivo entendimento de média, o texto “A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano em ambiente urbano” confronta-nos hoje com temas tão atuais como o urbanismo, as relações socio-espaciais, a globalização, o multiculturalismo, o

pós-colonialismo, a crise, a polarização do debate público e as bolhas sociais, ao mesmo tempo que, em contrapartida, nos oferece terminologias e ideias, cuja crítica, em prol do compromisso epistemológico das ciências da comunicação de resistir às diferentes formas de dominação - patriarcal, sexista e racista - se assume como uma tarefa premente. Com efeito, por um lado, tido como fundador da sociologia urbana e como referência do legado da Escola de Chicago, Park tem sido hoje retrospectivamente criticado por uma visão eminentemente masculina da cidade, do espaço urbano e das relações socio-espaciais; mais concretamente, as mulheres e, em geral, a perspectiva de género estão ausentes do espaço urbano nos estudos de Park, como têm argumentado vários autores (Spain, 2014): certas passagens do ensaio em questão e algumas terminologias usadas são disto mesmo sintomáticas, como assinalaremos ao longo da tradução. Por outro lado, Robert Park, que foi assessor do acomodacionista Booker T. Washington, tem sido igualmente depreciado pela sua posição conivente com a opressão colonial; apesar de enquanto jornalista ter denunciado a violência colonial no Congo, e de enquanto docente da Universidade de Chicago ter apadrinhado o trabalho de sociólogos e ativistas contra a discriminação racial como Charles S. Johnson e E. Franklin Frazier, Park assume uma postura completamente acrítica do imperialismo e do colonialismo, partindo de postulados racistas, como aqueles manifestos na sua teoria das relações raciais, aspetos que aliás estão presentes nalgumas passagens e expressões do ensaio aqui retomado (e assinaladas na tradução) (Blackman, 2023).

Remontando precisamente a Robert E. Park em vários momentos e concretamente ao texto sobre a cidade cujo legado para as ciências da comunicação nos parece importante repensar, o ensaio “Teorias e práticas do jornalismo: do telégrafo ao hipertexto” de Mário Mesquita corresponde à *lição inaugural* dos cursos de licenciatura em *Comunicação Social e Cultura* e de pós-graduação e mestrado em *Cultura e Comunicação* na Universidade dos Açores proferida em novembro de 2004, na Universidade dos Açores, em Ponta Delgada. Neste ensaio, publicado também com mínimos ajustes um ano mais tarde na *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação* (Mesquita, 2005), o jornalista e investigador açoriano, remontando também ao filósofo alemão Walter Benjamin e à sua distinção entre o “contador de histórias” e o “jornalista”, discorre sobre uma espécie de oxímoro, ou nos termos do próprio Mário Mesquita, uma dupla face de Juno, constitutiva da ontologia

jornalística e ilustrativa da sua intrínseca contradição entre a objetividade da informação noticiosa, por um lado, e a sua natureza histórica e dimensão narrativa, por outro. Esta contradição é, de resto, uma constante bem conhecida do pensamento de Mário Mesquita sobre os média e o jornalismo.

É precisamente partindo da obra de Mário Mesquita, em particular do livro *O quarto equívoco: o poder dos media na sociedade contemporânea* (2003), que Paulo Serra desenvolve uma reflexão sobre “Poder dos média e democracia”. O autor analisa, num primeiro momento, o impacto do referido livro de Mário Mesquita nas ciências da comunicação, considerando recensões, citações e traduções. Para além disso, procura identificar as principais teses do livro sobre os média em geral e o jornalismo em particular, debatendo a sua atualidade, repensando a crise do jornalismo e o papel dos média na reconfiguração da democracia.

Paulo Meneses regressa, no seu texto, ao dia 2 de novembro de 2004, coincidente com a já referida lição inaugural da extinta licenciatura em Comunicação Social e Cultura, proferida pelo jornalista, professor e intelectual Mário Mesquita, para lhe prestar homenagem. “Da crónica (aventuras e extravios de um género jornalístico)” é o título do texto que faz uma reflexão sobre géneros jornalísticos e em particular sobre a crónica, as suas especificidades, a forma como a podemos entender à luz da dicotomia entre informação e narração e ainda o que a aproxima mas sobretudo o que a afasta de um género que lhe é vizinho, a coluna.

O texto intitulado “Mário Mesquita, um Homem de Cultura”, assinado por Ana Cristina Gil, reenvia-nos à vida multifacetada e obra vasta do jornalista, político, docente e investigador açoriano cuja “hesitação e ceticismo”, marcas de cultura para Fernando Pessoa tal como citado pela autora, o conduziram a um estudo aprofundado dos média e do jornalismo, contextualizado por uma igualmente importante reflexão sobre a sociedade contemporânea e os seus desafios sociais, culturais, económicos e tecnológicos. “Se a Cultura é a procura de aperfeiçoamento constante que resulta de um olhar crítico e atento ao mundo, Mário Mesquita era um verdadeiro homem de Cultura”, refere a autora.

Susana Serpa Silva traça “O perfil da imprensa dos Açores no século XIX”, recuando à sua introdução tardia em 1829, no contexto das lutas liberais, através da chegada de material tipográfico à ilha Terceira, vindo “de Plymouth, em Inglaterra, a bordo da galera americana *James-Cropper*”. Recorrendo a fontes

como o *Arquivo dos Açores*, que contém como explica a autora “o primeiro levantamento sistemático da imprensa periódica açoriana”, Susana Serpa Silva faz notar que os Açores não foram exceção no que toca à preponderância da imprensa política até à I República, destacando-se nos jornais açorianos do séc. XIX a sua dimensão reivindicativa junto do poder central.

Por fim, dedicando-se àquela que foi uma tradição de relevo na história da imprensa e do jornalismo, José Paulo Machado apresenta no seu ensaio “a Imprensa católica açoriana nas primeiras três décadas do século XX”. Este tema foi o foco da tese de doutoramento do autor que, transportando-nos para “o fluxo de periódicos açorianos que freneticamente surgiam por todas as ilhas, à exceção de Santa Maria, Flores e Corvo, no arco temporal que vai de 1900 a 1926”, remonta às origens do periodismo católico açoriano, à noção de “Boa Imprensa”, à identidade da imprensa regional católica e ao Congresso dos Jornalistas Açorianos.

A segunda parte do livro começa com uma reflexão de Maria Teresa Cruz sobre a noção de transição digital e a ideia de disrupção e de inevitabilidade que esta implica. Num momento em que tópicos como inteligência artificial, automatização e algoritmos têm adquirido relevância em diferentes áreas, a autora deixa importantes “Notas sobre a transição digital”, destacando o contributo central das ciências da comunicação para a reflexão e compreensão da transformação da experiência humana. Inspirando-se em pensadores como Katherine Hayles e Yuk Hui, a autora propõe que as artes e as humanidades, e em particular, as ciências da comunicação, respondam com um “pensamento político justamente capaz de integrar ecologia e tecnologia”.

Inspirado pela leitura de *O Quarto Equívoco – O Poder dos Media na Sociedade Contemporânea*, e em particular “pelas incursões de Mário Mesquita sobre os média, no contexto da civilização da imagem”, Moisés de Lemos Martins reflete sobre a mudança estrutural observada na sociedade nas últimas décadas, trazida pela emergência da cultura digital, ou a “circum-navegação tecnológica”, como a apelida, e explica como na sua própria obra tem vindo a refletir sobre um conjunto de disrupções e de rupturas na experiência contemporânea – da crise da razão histórica à declinação de um imaginário melancólico – assim como sobre as formas de o pensar.

“Para uma teoria comunicacional da mediação” é o título do texto de Samuel Mateus onde se defende uma teoria da comunicação mediada, que o autor distingue de mediatizada. Considera redutor fechar a mediação nos

média por não se tratar simplesmente de um processo tecnológico. Para Samuel Mateus “um dos desafios que os investigadores em Comunicação têm de concretizar é fazer com que a Teoria da Comunicação seja, igualmente, uma teoria da mediação”. Com esta reflexão o autor não procura desvalorizar a mediatização, mas antes sublinhar que há mais mediação para lá dos média.

Considerando a teoria da argumentação como parte fundamental das ciências da comunicação, Rui Sampaio da Silva expõe as abordagens da retórica e da lógica informal como complementares. Merecem particular atenção neste texto a noção de argumento visual, cada vez mais frequente na “era das redes sociais” conforme sublinha o autor, assim como os enviesamentos cognitivos, cuja atualidade, por sua vez, assenta nas patologias que hoje afetam o “debate público” “como a (hiper)polarização ou a fragmentação e compartimentação da esfera pública em nichos”.

## Referências

- Blackman, S. (2023). Black Ethnographic Activists: Exploring Robert Park, Scientific Racism, The Chicago School, and FBI Files Through the Black Sociological Experience of Charles S. Johnson and E. Franklin Frazier. *Symbolic Interaction*, Vol. 46, Issue 3, 287–310.
- Correia, M. da L. & Sampaio, L. S. (2023). Ilhados, desilhados e embarcações: os estudos culturais na Universidade dos Açores. In M. M. Baptista, A. R. A. de Almeida & R. A. Grácio (org). *Estudos Culturais em Portugal: cartografias, desafios e possibilidades* (pp.97-116). Grácio Editor.
- Craig, R. T. (1999). Communication theory as a field. *Communication Theory*, 9(2), 119–161.
- De la Peza Casares, Ma. del Carmen. (2013). Los estudios de comunicación: disciplina o indisciplina. *Comunicación y sociedad*, (20), 11-32. [http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=So188-252X2013000200002&lng=es&tlng=es](http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=So188-252X2013000200002&lng=es&tlng=es)
- Foucault, M. (1971). *L'ordre du discours*. Gallimard.
- França, V. & Simões, P.G. (2016). *Curso básico de Teorias da Comunicação*. Autêntica Editora.
- García-Jiménez, L. (2021). Aportaciones femeninas a las teorías de la comunicación: Una propuesta para la docencia y la ciencia. *Anàlisi: Quaderns de Comunicació i Cultura*, 65, 121-135. <https://doi.org/10.5565/rev/analisi.3327>
- Gitelman, L. (2006). *Always Already New: Media, History and the Data of Culture*. MIT Press.

- Huhtamo, E. & Parikka, J. (2011). *Media Archaeology: Approaches, Applications, and Implications*. University of California Press.
- Kittler, F. A. (1996). The city is a medium. *New Literary History*, 27, 717-729.
- Martins, M. L. (2011a). *Crise no castelo da cultura, Das estrelas para os ecrãs*. Grácio Editor.
- McLuhan, M. & Fiore, Q. (1968). *War and Peace in the Global Village*. Bantam.
- Mcquail, D. (2003). Teoria da Comunicação de Massas. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Mesquita, M. (2004). Teorias e práticas do jornalismo: do telégrafo ao hipertexto. *Arquipélago / Línguas e Literaturas, Anexo 2*.
- Mesquita, M. (2005). Teorias e práticas do jornalismo – da era do telégrafo ao tempo do hipertexto. *Intercom Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, vol. XXVIII, num. 2, 11-41.
- Mitchell, W.J.T. (1995). Interdisciplinary and Visual Culture. *Art Bulletin* 77(4), 540-545.
- Park, R. (1915). The city: suggestions for the investigation of human behaviour in the city environment. *American Journal of Sociology*, vol. 20, n.5, 577-612. <https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1086/212433>
- Park, R. (1967), A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano in O. G. Velho (org.) *O fenómeno urbano* (pp.25-66). Guanabara.
- Park, R. (1967/1925). The city: suggestions for the investigation of human behaviour in the city environment. In R. E. Park, E. Burgess & R. D. Mckenzie (eds), *The City* (pp.1-46). The University of Chicago Press.
- Pooley, J. D. (2016). Communication Theory and the Disciplines. *The International Encyclopedia of Communication Theory and Philosophy*. <https://doi.org/10.1002/9781118766804.wbiect261>
- Ramos, A. D. R. (2023). Jonathan Cray: Práticas de recusa radical. *Electra* 20, 184-197.
- Rancière, J. (2006). Thinking between disciplines: an aesthetics of knowledge. *Parrhesia*, 1, 1-12.
- Riley, C. G., Henriques, C., Gomes, P. M., & Cardoso e Cunha, T. (eds.) (2021). *A liberdade por princípio: Estudos e testemunhos em homenagem a Mário Mesquita*. Tinta-da-China.
- Serra, P. (2007). *Manual de Teoria da Comunicação*. Universidade da Beira Interior.
- Scharp, K. M. & Thomas, L. J. (2019). Disrupting the humanities and social science binary: framing communication studies as a transformative discipline. *Review of Communication* vol.19. <https://doi.org/10.1080/15358593.2019.1595702>
- Spain, D. (2014). Gender and Urban Space. *Annual Review of Sociology* 40, 581-598.
- Waisbord, S. (2019). *Communication: A Post-Discipline*. Willey.